

Florecer lejos de casa: testimonios de la diáspora venezolana

Ángel Arellano (coord.)

Montevideo, Fundación Konrad-Adenauer – Oficina Uruguay, 2018, 206p.

Consultado em 29 de novembro de 2018, 11:10hs, In: <https://www.kas.de/einzeltitel/-/content/libro-florecer-lejos-de-casa-testimonios-de-la-diaspora-venezolana> y http://dialogopolitico.org/wp-content/uploads/2018/08/florecer_lejos_de_casa-testimonios.pdf

Esta publicação patrocinada pela Fundación Konrad-Adenauer e acessível de forma digital através da plataforma “diálogo político”, nos permite lançar um olhar diferente para o imenso êxodo de migrantes venezuelanos que tem marcado o cenário político e social da América Latina nos últimos três anos. Frente à irrupção desse imenso movimento migratório, o que mais tem se publicado são tentativas provisórias de levantar dados que permitam obter uma apreciação de seu impacto ou de suas causas, ou então relaciona-lo com a crise que há anos assola Venezuela. Seja por meio da imprensa, pelos organismos de Estado ou Universidades, são várias as iniciativas de analisar o significado desse fenômeno. Apesar de muitos vídeos, reportagens, relatórios e depoimentos que nos chegam por diversas mídias, ainda carecemos de uma reflexão mais profunda sobre como vivenciam os próprios venezuelanos esse evento, mais um capítulo de uma tragédia nacional que parece não ter fim. Talvez seja esse o grande mérito dessa publicação: o de poder, para além de todas as informações quantitativas e dados sociais disponíveis, buscar resgatar as vozes daqueles que vivem por dentro essa crise humanitária, à raiz desse impulso irresistível de sair de seu país natal, experiência inédita e impensável há questão de uns dez anos atrás.

Assim, a proposta dessa publicação, a de trazer testemunhos de vivências diferenciadas e personalizadas dessa migração, como algo diferente de tudo o que então se conhecia em Venezuela e em América Latina, se apoia em um projeto: *“darle voz a la diáspora para que sean los propios venezolanos, a través de una selección de textos redactados por varios de sus periodistas y escritores más destacados, quienes cuenten lo que les ha tocado vivir”*. (p. 5) Trata-se de

testemunhos sobre o que significa viver essa “diáspora”, reunidos e organizados como um esforço coletivo de compreensão interna da condição do imigrante venezuelano hoje. São autores que possuem um particular domínio da escrita e são oriundos do mundo das artes, da crítica jornalística, do mundo universitário e literário, da militância dos direitos humanos. Assim, a cada país que recebe uma parcela dessa diáspora venezuelana é dedicada uma reflexão por um autor venezuelano que vivencia essa condição migratória nesse país, e que a partir desse lugar expõe seu olhar crítico e pessoal sobre sua realidade social e sua trajetória de vida. De comum temos a busca em apresentar uma reflexão histórica e social sobre o “chavismo” e sua implicação na crise venezuelana, mas também sobre as dificuldades de viver como migrante e refugiado, algo até então desconhecido para os venezuelanos em geral. De diferente, uma pluralidade de olhares sobre a repercussão desse processo no cotidiano familiar, no trabalho, no campo das artes, da vida universitária, no deslocamento por cidades e países, no projeto de vida de cada um em particular. Olhares sobre vivências múltiplas e uma experiência comum, sobre a mesma Venezuela e um leque multifacetado de lugares de destino, que se reparte entre os que foram e os que ficaram. Todos olhares marcados pela perplexidade de um deslocamento forçado e pela busca desesperada por um outro futuro.

O livro se distribui de maneira desigual em três partes: a primeira, que ocupa mais da metade da publicação, intitulado “*América*”, reúne todos os depoimentos daqueles que se deslocaram para algum dos países do continente americano, dos Estados Unidos à Argentina, somando onze textos; a segunda, “*Europa*”, traz dois textos, com depoimentos de migrantes e/ou refugiados na Alemanha e Espanha; a terceira parte traz um texto que é a contraparte de todos os outros, pois traz a perspectiva daqueles que ficaram em “*Venezuela*”. A introdução à coletânea busca apresentar um quadro com dados que procuram descrever a gravidade da crise vivida em Venezuela, seja quanto à situação econômica caótica, seja quanto aos impactos sobre a população no que diz respeito à carestia, falta de abastecimento de alimentos e medicamentos, desnutrição, fome, e dados alarmante de violência. Inclui também o caso emblemático de uma família de classe média, cujo pai é um engenheiro químico, em que sintetizam todos os fatores ligados à violência, ao desastre econômico e desagregação familiar que obrigam a sair do país, assim como se apresenta como um exemplo dos roteiros muitas vezes trágicos de migração, que a levou a se instalar provisoriamente na zona rural de Paraguai, como empregados em uma fazenda.

O primeira e mais extensa das partes do livro, “*América*”, traz um primeiro conjunto de textos de autores migrantes que passaram por situações de maior precariedade social e profissional: Colômbia, Equador, Peru e Brasil. O texto “*Pero el infierno nunca escapa de nosotros*”, de Salvador Passalacqua, traz o relato duro da migração para Colômbia em que se destaca o cotidiano marcado pela

violência e insegurança, no percurso que leva à travessia da fronteira. O relato segue em um vai-e-vem entre a descrição da condição liminar vivida ao longo do deslocamento e a precariedade de um trabalho informal junto a comerciantes chineses no lugar de destino, em que se perpetua a liminaridade de sua condição. O texto de Tamara Taraciuk Broner, que é investigadora da ONG “*Human Rights Watch*”, é aquele que menos revela uma postura pessoal de testemunha da vivência do drama da migração, apesar de mostrar sua indignação ao descrever com vários dados a situação dos imigrantes acampados em Roraima, na região fronteira entre Brasil e Venezuela. A experiência de migração em Equador, “*Libertad*”, de Jefferson Díaz, apesar do autor descrever também seu processo de inserção precária com sua família no lugar de destino, apresenta um olhar particular, a partir de sua condição de migrante venezuelano de origem indígena e equatoriana. Assim, seu foco está no diálogo intercultural e intergeracional, entre a Venezuela e Equador, ao mesmo tempo como indígena e migrante nos dois países, vivenciando em ambos lugares a experiência da xenofobia e do estranhamento. Chama a atenção como se reconhece com outros migrantes, na identificação com personagens vindos de outros continentes, no cotidiano de Quito. O relato “*Joropo de Esperanza*”, de Alexis Castillo, faz um relato multifacetado sobre a precariedade em que vivem milhares de venezuelanos no Peru. O autor transita por vários lugares e meios em que se revela o retrato da precariedade da inserção dos venezuelanos na sociedade peruana: memórias de uma viagem penosa, cenas de situações de alojamento improvisado e emprego informal, da indústria do sexo mediatizada na Internet, de xenofobia e preconceito, mas também de inúmeras formas de solidariedade e mútua ajuda desenvolvidas no cotidiano.

Um segundo grupo de textos agrupa experiências de uma migração para países mais distantes, em que apesar das dificuldades e percalços da nova inserção social, o que mais aparece é a reflexão sobre o significado desse processo migratório para Venezuela e o próprio povo venezuelano. Assim, o texto “*De Venezuela a la Patria Celeste. La História de los Veneguayos*”, de Ángel Arellano, junto com uma abundância de indicadores sobre a presença dos venezuelanos em Uruguai, traz uma reflexão sobre os impactos da presença de venezuelanos no cotidiano uruguaio. O texto seguinte, “*Afuera y adentro*”, de Carolina Acosta-Alzuru, traz a perspectiva original de uma pesquisadora da vida cultural venezuelana e sobretudo da produção de suas novelas, que desde os anos 1990 vive entre os Estados Unidos e Venezuela. Mesmo adquirindo a dupla cidadania e se mudando para os Estados Unidos, permaneceu até os dias atuais indo periodicamente a Venezuela. Entre o olhar de quem está “fora” e aquele de quem, a partir de “dentro”, procura compreender o que acontece em Venezuela, descreve o processo de degradação da vida social, cultural e universitária ao longo das últimas décadas, desembocando no êxodo de tantos venezuelanos, de todas as classes sociais, para fora do país. Ela é quem traz o melhor retrato dessa paisagem de desolação:

Ahora cuando voy a Caracas se me llenan los ojos de vacío. Asientos vacíos en las reuniones familiares. Calles desoladas al caer el sol. Colegios y universidades des poblados de estudiantes, maestros y profesores. Quirófanos desiertos de pacientes porque no funcionan. Salarios convertidos en arena. Pantallas de televisión a las que les exprimieron la venezolanidad en el *primetime* y les expropiaron la libertad de opinión a toda hora. Lo peor es que lo que está vacío es preferible a lo que está lleno: la lista de enfermos esperando por tratamiento, los talleres mecánicos atestados de vehículos que no tienen repuestos, los basureros poblados de gente que ya solo encuentran allí qué comer, las cárceles hinchadas de presos políticos, la morgue (ACOSTA-ALZURU, 2018, p. 96).

Também com um olhar marcada pela experiência universitária, Gisela Kosak Rovero, narra sua inserção na sociedade mexicana: *“México, mi otro país”*. Privilegia a descrição dos ambientes da Academia nos dois países, as novas perspectivas em México, e o modo como foi aceita sua relação homoafetiva nesse país. O texto seguinte, *“Protestas y fútbol: entre Venezuela y La Paz”*, em registro completamente diferente, aborda o trânsito entre ambientes do futebol entre Venezuela e Bolívia. Ao longo de vinte anos, Manuel Llorens, psicólogo de formação e incorporado em comissões técnicas do selecionado nacional de futebol na Venezuela, e do *“Strongest”* em La Paz, participou ativamente da popularização desse esporte nos dois países. Em meio à sua vivência nesse meio, sobretudo entre os bolivianos em La Paz, indo e voltando da Venezuela, pode também descrever o processo doloroso de decadência de seu país natal, até se convencer a se radicar definitivamente em Bolívia. É dele que temos a frase que dá título à publicação, citando a Rosario Vásquez: *“soy diáspora y mi deber es florecer”* (p. 128) Na sequência, temos o texto curto de Paola Soto, *“Paginas del Exilio”*, que trata de sua migração e inserção na Argentina, em que, mais do que os percalços vividos, o que se ressalta é a comparação entre a sua experiência migratória como jovem e aquela que lhe foi contada por seus pais e avós na Venezuela. A seguir Mireya Tabuas faz uma reflexão em *“El país que se inundó de venezolanos”* sobre o processo de inserção dos migrantes venezuelanos no cotidiano da sociedade chilena. Destaca em particular as formas de organização, empreendedorismo e mútua ajuda que rapidamente souberam desenvolver. Por fim, em um outro texto curto, *“Nunca pensé en vivir aquí”*, Maru Rodríguez apresenta as dificuldades de inserção dos migrantes venezuelanos no Panamá, que reflete as mesmas dificuldades em outros países da América Central e do Caribe.

A parte seguinte, *“Europa”*, se abre com o texto de Hensli Rahn, intitulado *“Anotaciones al margen de una diáspora”*, trazendo de maneira fragmentada cenas das tentativas de acomodação de migrantes venezuelanos na Alemanha.

De maneira assistemática transmite a angústia de latino-americanos caribenhos tentando compreender o processo de deslocamento a que foram submetidos. No texto seguinte, Eduardo Sánchez Rugeles, por meio do texto *“En torno a los venezolanos, algunas reflexiones”*, traz suas reflexões sobre a evolução da imigração de venezuelanos para Espanha a partir de 2013, considerado o momento de inflexão da desesperança que se abateu sobre o país: inicialmente um lento retorno de descendentes de antigos imigrantes e refugiados até se tornar um verdadeiro êxodo de novos migrantes em busca de uma nova chance de sobrevivência.

A última parte, *“Venezuela”*, traz um único texto, escrito por Héctor Torres, *“Inventário espiritual de la ausencia”*, que busca exprimir o significado dessa migração em massa para aqueles que ficaram em Venezuela. Depois de lembrar como a história venezuelana foi marcada por várias ondas de imigrantes, que buscavam nas oportunidades econômicas e na estabilidade na Venezuela daquele tempo um futuro melhor, narra como nas últimas décadas se desencadeou uma fratura nesse imaginário. Entrou-se num processo de degradação política e social que levou as famílias a considerar o impensável: a emigração como saída. O autor faz “um inventário espiritual”, pois procura exprimir a experiência do luto e do vazio vivenciado pelas famílias que ficaram, em que os mais velhos veem a partida dos mais jovens e agora vivem unicamente de lembranças, da remessa de ajuda e de mensagens vindas pelas redes sociais. O que predomina é o sentimento de perda:

El sentimiento de pérdida que producen las despedidas es, también, acumulativo. Cada una pega más que la anterior. Se llega a un punto en que los que se quedan se sienten tan extranjeros como los que se van. Tan solos como los que se van. Tan ajenos a la alegría de la vida como los que se van. El chavismo logró dos hitos que parecían imposibles, no ya de alcanzar juntos, sino acaso de alcanzar a secas: quebrar un país petrolero y volver triste un país caribeño (TORRES, 2018, p. 190-191).

Esse retrato multifacetado de uma tragédia coletiva, traz várias intuições para ajudar a pensar o inusitado das migrações na cena contemporânea. Uma seria como nesse mundo globalizado podemos compreender os significados novos da experiência da “diáspora”. Fenômeno complexo que foi ao longo dos séculos delineando a identidade de diferentes povos, agora em um tempo extremamente curto, tende a redefinir o significado da nacionalidade, entre os que partem e os que ficam. Nesse sentido, traz também novas perplexidades para repensar o significado do estatuto do “refúgio”. Por outro lado, relatos como os reunidos nesse livro confirmam como pela voz dos próprios migrantes podemos ter um acesso mais íntimo do significado de sua condição social, do dilaceramento

em que vivem, entre a origem e o destino, entre a culpa e a esperança. Seria importante que migrantes venezuelanos de origem mais modesta, e que são milhões nos vários países da América Latina, sem tal habilidade para escrever, pudessem também eles exprimir sua história, a sua compreensão do desarraigo que estão vivendo.

Buenos Aires, 20 de fevereiro de 2019

Sidnei Marco Dornelas